

## Narrativas de protagonismo, o judoca Willy Schneider

*Narratives of protagonism, the judoist Willy Schneider*

 Walter Reyes Boehl  Mauro Castro Ignácio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

### HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 28 outubro 2022

Revisado: 01 março 2023

Aprovado: 02 março 2023

### PALAVRAS-CHAVE:

História Oral; Judô;  
Arte Marcial.

### KEYWORDS:

Oral History; Judo;  
Martial Art.

### PUBLICADO:

16 março 2023

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O presente texto integra uma pesquisa em andamento que tem como escopo a análise do desenvolvimento do judô na cidade de Porto Alegre, com recorte temporal partindo da década de 1970 até a contemporaneidade, a partir de um dos seus protagonistas.

**OBJETIVO:** O objetivo evidenciar a prática do judô na região a partir da trajetória do judoca Willy Schneider.

**MÉTODOS:** Com base no aporte teórico-metodológico da História Oral - um método voltado à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas, sobretudo do saber, e que possibilita o alargamento das interpretações do passado - foram analisadas entrevistas concedidas, entre 2012 e 2022, por Willy Adolfo Schneider, as quais foram confrontadas com outras fontes documentais, imagéticas e jornalísticas.

**RESULTADOS:** O estudo tornou possível relembrar/revisitar as etapas da trajetória de Willy, e consequentemente, traçar, historicamente, um cenário sociocultural do judô, especialmente na capital do Estado do Rio Grande do Sul, após a década de 1970 até os dias atuais.

**CONCLUSÃO:** Conhecer, registrar e relatar trajetórias de vida como a de Willy Schneider permite dar visibilidade ao legado construído através do ensino desta arte marcial, além de valorizar os esforços daqueles que são frequentemente esquecidos pelas mídias, mas que persistem em seus propósitos de vida.

### ABSTRACT

**BACKGROUND:** This text is part of an ongoing research whose scope is the analysis of the development of judo in the city of Porto Alegre, with a time frame starting from the 1970s to the present day, from one of its protagonists.

**OBJECTIVE:** The objective is to highlight the practice of judo in the region based on the trajectory of judoka Willy Schneider.

**METHODS:** Based on the theoretical-methodological contribution of Oral History - a method aimed at the production of narratives as sources of knowledge, but, above all, of knowledge, and which allows the expansion of interpretations of the past - interviews granted between 2012 and 2022 were analyzed. , by Willy Adolfo Schneider, which were confronted with other documentary, imagery and journalistic sources.

**RESULTS:** Remembering, therefore, the stages of Willy's trajectory, allowed us to trace, historically, a sociocultural scenario of judo, especially in the capital of the State of Rio Grande do Sul, from the 1970s to the present day.

**CONCLUSION:** Knowing, registering and reporting life trajectories like Willy Schneider's makes it possible to give visibility to the legacy built through the teaching of this martial art, in addition to valuing the efforts of those who are often forgotten by the media, but who persist in their life purposes.

## INTRODUÇÃO

O Japão viveu, por cerca de sete séculos, em um regime feudal dominado pelos samurais que trabalhavam em defesa do nome do imperador (BRUM, 2016). O período chamado Restauração Meiji (1868-1912) define a era da restituição do poder militar e político do Japão à autoridade imperial, originando terminantemente o início de um processo de modernização e uma transformação de sua estrutura política feudal (ESPARTERO, 2016). Em 1868, aos 14 anos de idade, o príncipe Mutsuhito determina o final do feudalismo no Japão, se torna o 122º imperador, findando o xogunato<sup>1</sup> do clã Tokugawa (BRUM, 2016). O Império do Sol Nascente, com a instauração do “Regime Iluminado”, tem a abertura de seus portos para o mundo, dando início ao processo de modernização e ocidentalização da Ilha.

Durante essa época, nasceu Jigoro Kano, em 28 de outubro de 1860 na cidade litorânea de Mikage, distrito de Hyogo, no Japão. Aos 14 anos, para estudar inglês na *Tokyo Foreign Language School*, muda-se para Tóquio (NUNES apud STEVENS, 2013). Aos 17 anos de idade, corpo franzino, medindo cerca de 1,55 metro e pesando próximo aos 55 quilos, observa a sua desvantagem física em relação aos seus colegas de aula, que costumavam lhe perturbar, Jigoro Kano procura por algum local que possa aprender defesa pessoal. Depois de muita busca, encontra a Escola Tenshin Shinyo, do mestre Hachinosuke Fukuda, e passa a treinar o *ju-jitsu* (KANO, 2008; NUNES, 2013).

Em 1881, formou-se pela *Tokyo Imperial University* em Letras e Ciências Políticas e Econômicas (SOUZA; MOURÃO; apud VIRGÍLIO, 2011). Após aprender e se aprofundar nas técnicas do *ju-jitsu* - arte marcial desenvolvida para formação de combatentes, de soldados e de samurais – Kano buscou construir um estilo próprio. Com o ideal de forjar cidadãos pacíficos e não somente guerreiros, sensei<sup>2</sup> Kano estudou o desenvolvimento de um método próprio, onde sistematiza as técnicas aprendidas da “arte da gentileza”, retirando as que julgavam impróprias e incorporando outras que acreditava serem benéficas para a formação de cidadãos úteis à sociedade.

Em 1882, Jigoro Kano, após treinar *ju-jitsu*, criou o judô. Para tal, utilizou algumas técnicas não lesivas que aprendera, e acrescentou outras que se conformavam com os preceitos do melhor aproveitamento da energia mental e física (KANO, 2008; VIRGÍLIO, 1994). No mesmo período, fundou o Instituto Kodokan em Tóquio no Japão (KANO, 2008). Para difundir a prática, Jigoro Kano enviou alguns de seus melhores discípulos para realizarem demonstrações pelo mundo (VIRGÍLIO, 2002).

Em relação à chegada do judô no Brasil, existem duas versões. A primeira seria que teria chegado junto com os mais de setecentos imigrantes japoneses que desembarcaram do navio *kasato Maru*, em 1908, no Porto de Santos (SP) (SCHNEIDER, 2012). A outra foi através de lutadores

<sup>1</sup> O xogunato era uma forma de governo em que os chefes militares (chamados de xoguns) exerciam o poder, e Tokugawa era a família que exercia o poder no Japão de maneira hereditária. A família imperial japonesa existia, mas estava sob o controle dos xoguns.

<sup>2</sup> Sensei é uma palavra em japonês usada como um título honroso para tratar com respeito um professor ou um mestre. A tradução literal desta palavra é “aquele que nasceu antes”, já que o kanji correspondente ao “sen” significa “antes” e o kanji “sei” significa “nascimento”. Isso indica que chamar alguém de sensei é reconhecer que essa pessoa é experiente na sua área.

japoneses, Mitsuyo Maeda, vulgo “Conde Koma” e Soishiro Satake, membros do Instituto Kodokan, que teriam sido enviados pelo professor Jigoro Kano para difundirem a prática pelo mundo. Os japoneses teriam entrado no Brasil, em novembro de 1914, por Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em 18 de dezembro de 1915, os lutadores, acompanhados pelos japoneses Laku e Shimisu, chegaram a Manaus. Antes disso os combatentes nipônicos circularam pelo Brasil realizando demonstrações das lutas e desafiando descrentes de suas habilidades marciais. Posteriormente, Mitsuyo Maeda radicou-se em Belém do Pará, enquanto Satake permaneceu em Manaus (VIRGÍLIO, 2002; NUNES; RUBIO, 2012).

Na hipótese relacionada ao desembarque em Santos, em São Paulo, Alexandre Nunes (2013) relata que esses imigrantes, assentados para trabalhar nos cafezais de São Paulo e no norte do Paraná, tinham como maneira de preservação de sua cultura, o hábito da prática do judô no interior de suas colônias e, com o passar do tempo, alguns japoneses teriam se aventurado em centros urbanos com o escopo de ensinar a luta.

No Rio Grande do Sul, existe a hipótese de que a prática do judô tenha iniciado em meados da década de 1935, com professores sem formação acadêmica que davam ênfase ao aspecto da defesa pessoal e participavam de apresentações de circo e desafios públicos. No entanto, não é possível definir se essa prática era de fato judô ou *ju-jitsu* (MADURO, 2011). De acordo com Boehl (2016), após entrevistas com professores que vivenciaram o esporte na década de 50, foi constatado que a modalidade praticada por Loanzi era *ju-jitsu*. Portanto, o judô provavelmente tenha iniciado em Porto Alegre no início dos anos 50, pelas mãos do imigrante japonês faixa preta 3º *dan* Takeo Yano (BOEHL; MAZO, 2019).

Na década seguinte, outros professores de origem oriental chegaram a Porto Alegre, como o japonês Naoshige Ushijima, conhecido como Nao, que foi o primeiro a ministrar aulas na Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), seguido do paulista Ricardo Shunji Hinata, filho de japoneses (NUNES, 2011). Nesse mesmo período, a cidade serrana de Caxias do Sul iniciou a prática do judô por intermédio dos policiais civis Delamar Teixeira da Silva e Osvaldo Monteiro dos Santos, discípulos de Loanzi e Obata.

Nos anos 1970, o judô gaúcho recebeu o paulista Manuel Aparecido Lacerda, que ministrou aulas na Sociedade Guarani e na Sociedade Recreio da Juventude em Caxias do Sul, antes de dar aulas na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo. Esses mestres formaram muitos professores que iniciaram a diáspora do judô gaúcho na década de 1980, entre os quais se destaca o professor Cid, aluno de Lacerda.

Este texto apresenta uma pesquisa em andamento que se concentra na análise do desenvolvimento do judô em Porto Alegre, a partir da década de 1970 até os dias atuais. O objetivo principal é destacar a prática do judô na região, com enfoque no papel fundamental do judoca Willy Schneider no desenvolvimento desse esporte. Dessa forma, esta pesquisa busca não só evidenciar o protagonismo do sujeito enquanto atleta veterano e professor de judô, mas também reconstruir a história esportiva de Willy Adolfo Schneider.

## MÉTODOS

Para a efetivação desta investigação, o aporte teórico-metodológico adotado foi o da História Oral, compreendida como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas, uma metodologia e uma fonte de pesquisa (ALBERTI, 2005). Desse modo, atuar com seus instrumentos despontou-se próspero uma vez que pesquisas de cunho sociocultural que enfocam o judô são em sua maioria sobre o atrelado ao de alto-rendimento. O uso da oralidade, ainda, como um aparelho que produz as vivências esportivas dos sujeitos e suas experiências pessoais, familiares, profissionais, comunitárias e sociais (AUN KHOURY, 2001) ecoa em constituições de visibilidade de histórias que não costumam estar em evidência, constituindo-se sobretudo como fontes para outras pesquisas. Assim sendo, vale ressaltar que este resultado não deve ser compreendido como “a verdade”, mas sim como uma perspectiva a partir das memórias do narrador (PESAVENTO, 2005). O desenvolvimento da narrativa histórica segue uma linha cronológica que vai apresentando a trajetória do protagonista conforme suas reminiscências e as fontes documentais.

Tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa e seu material empírico, destacamos a centralidade da nossa discussão na inserção e a trajetória do sujeito Willy Adolfo Schneider no judô. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, além de uma revisão bibliográfica sobre a história do judô, consultando fontes primárias como: jornal (CHALA, 2006) artigo científico (BOEHL, MAZO, 2019), trabalhos de conclusão de cursos (SCHNEIDER, 2012; BOEHL, 2016), dissertação de mestrado (MADURO, 2012), notícias em sites na internet<sup>3, 4, 5</sup>, além de três entrevistas com áudios gravados. Durante o processo das negociações das entrevistas, foi informado o teor da pesquisa, as condições de participação, riscos e benefícios, sigilo das identidades, da voluntariedade, custos, e condição de renúncia em participar.

Cada entrevista foi processado contemplando os seguintes procedimentos metodológicos: a) transcrição literal da entrevista; b) conferência de fidelidade, ouvindo novamente a gravação para verificar se correspondia ao que havia sido escrito; c) copidesque, com o objetivo de adequar o documento escrito a uma linguagem formal sem alterar o sentido do conteúdo expresso pelas entrevistadas; d) leitura final (ALBERTI, 2005). Depois de processadas, as entrevistas foram devolvidas para a conferência do entrevistado e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em seguida, realizamos a análise documental das entrevistas, confrontando as informações com a revisão bibliográfica e o referencial teórico adotado. As fontes produzidas foram cruzadas e comparadas com a literatura corrente que versa sobre o judô e em especial o praticado, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. As fontes foram analisadas conforme as técnicas da análise documental (CELLARD, 2008; ALBERTI, 2005). Tais materiais foram analisados tendo por base a técnica de análise documental (BACELLAR, 2010).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2013/06/01/o-vitorioso-willy-schneider/>. Acesso em: 03/08/2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.judors.com.br/veteranos/>. Acesso em: 03/08/2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/ruth-schneider-e-homenageada-em-exposicao-postuma>. Acesso em: 03/08/2022.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Willy, sua família e o judô

A história de vida de Willy Adolfo Schneider, ou simplesmente Willy, inicia em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 31 de março de 1972, fruto da união entre o *trader* de bolsa de valores Juarez Schneider e a artista plástica Ruth Trella Schneider. Do casamento, além de Willy, tiveram mais dois filhos o primogênito César Rodolfo Schneider<sup>6</sup>, conhecido por “Toquinho”, falecido aos 19 anos de idade, e o caçula Loberti Schneider<sup>7</sup>, falecido aos 21 anos.

O entusiasmo de seu pai com as lutas - assistia muito a esse gênero de filmes - levou os três filhos a praticarem judô. Willy teve a primeira oportunidade de subir em um tatame aos quatro anos. Até então, ao menino estava reservado cultivar o gosto pelas conquistas de César. “Eu adorava ver o meu irmão subindo ao pódio. Gostava de ver aquele assédio de quererem ver a medalha. Isso me motivava a querer ser judoca”, rememora Willy. Em relação ao início efetivo de Willy no judô, ocorrera em situação o quanto corriqueira. Seu pai ao levar o seu irmão Toquinho para treinar no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, aproveitou para que Willy iniciasse a prática. Pouco tempo depois, foi a vez do Loberti a ser inserido na prática. Os três passaram a integrar a equipe comandada pelo sensei Antônio Augusto Silva da Fontoura.

Observando que os irmãos tinham condições de se tornarem competidores, sensei Antônio integrou os três à equipe de competição gremista. Para isso, teriam que serem inscritos como atletas na Federação Gaúcha de Judô (FGJ). Willy foi registrado sob o nº 5.202 na instituição. A partir de então, foram anos e anos de muitos treinos e competições. Com o biótipo franzino, tinha a vantagem de ser muito rápido. Essa condição lhe dava vantagem nas lutas, resultando em muitos pódios. Possivelmente, essas circunstâncias, de estar sempre recebendo medalhas, pudesse ter criado o interesse em participar do máximo possível de campeonatos. “Querida sempre estar nas competições e me aborrecia quando não era o campeão”, lembra o judoca. A trajetória esportiva de Willy aparentava ser de sucesso. Mas, para ele, o maior ocorreria no ano de 1988. Aos 16 anos de idade, Willy é graduado shodan<sup>8</sup>. Nesse mesmo ano, seu pai Juarez, assumira a função de diretor do judô no Grêmio. Nessa condição, permaneceu na até 1993.

Conforme Willy, durante o tempo que esteve a frente do judô gremista, seu pai Juarez foi honrado com feitos excepcionais de seus filhos. Em 1990, Willy e Loberti foram campeões brasileiros. Loberti viajou até Belo Horizonte, em Minas Gerais, para vencer a categoria Juvenil; enquanto Willy permaneceu em Porto Alegre para se sagrar campeão na categoria Júnior, sagrarem-se campeões brasileiros. “Loberti era mais do que um irmão para mim. Era amigo e companheiro. Costumávamos treinar muito, inclusive sábado e domingo quando não tinha competições”. Começaram juntos na faixa branca. Foram sendo promovidos juntos até alcançarem a graduação de faixa preta. O companheirismo era tão forte que, mesmo quan-

<sup>6</sup> Chegou até a faixa roxa. Foi campeão gaúcho por seis vezes.

<sup>7</sup> Foi bicampeão brasileiro, sendo que uma das finais venceu o paulista Carlos Honorato, que em 2000, em Sidnei na Austrália, viria a se tornar vice-campeão olímpico.

<sup>8</sup> Primeiro grau de faixa preta.

do um não conseguia se classificar para um evento nacional, o outro acompanhava como maneira de apoio moral; bem como maneira de aprendizado. Pois ao ver do judoca, estar assistindo as competições é uma maneira de estudar os adversários e aprender como enfrentá-los.

No de 2003, sua família enfrentou outra tragédia, com a perda de sua mãe. Mesmo diante desse momento difícil, ele decidiu continuar lutando, acreditando que o esporte poderia ajudá-lo a superar a dor da perda. Para tanto, deixou a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e se juntou à equipe do Grêmio Náutico Gaúcho (GNG), liderada pelo sensei Cid Corrêa Rodrigues Júnior. Neste espaço, por causa da sua performance esportiva, além do seu gosto em competir, fora instigado a participar de competições máster<sup>9</sup>. No ano seguinte, resolve voltar a estudar e pede ingresso como diplomado para cursar educação física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com o aceite, permanece na Escola de Educação Física (ESEF) até o ano de 2012, quando se forma licenciado em educação física.

## O judoca competitivo

O título de campeão nacional lhe concedeu o direito de representar o judô brasileiro nos Jogos Sul-Americano em solo peruano. Nesse evento, conquistou a medalha de prata. Ainda, em 1990, começa a ministrar aulas de judô na cidade de Taquara. A rotina de treinos, aulas longe de Porto Alegre, Taquara fica a quase 80 quilômetros de Porto Alegre, não atrapalhou a conquista de mais uma medalha dourada. Em 1991, foi campeão brasileiro por equipe.

Aos 21 anos de idade, decide traçar uma trajetória diferente para a sua vida. Quando todos pensavam que iria se dedicar às competições e talvez estudar algo mais comum com a prática esportiva, como educação física, inicia, na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), sediada na cidade de Canoas, o curso de informática. O empenho no curso, sem conseguir aliar tempo com os treinos, fez com que tivesse que dar uma pausa no judô.

Durante o período afastado da arte marcial, Willy se dedicou mais a sua área de formação. No entanto, essa situação se perpetuou somente até o ano de 2002, quando retornou aos tatames na ULBRA. Nesse ano, já havia cinco anos que não conquistava o título estadual. O judoca voltou obstinado por vitórias e a conquista do campeonato gaúcho estava em seus planos. Na final do Estadual daquele ano, competição ocorrida em Porto Alegre, Schneider se deparou com um velho companheiro de treinos e de campeonatos, Marcelo Cardoso. Além de serem adversários nos tatames, se consideravam amigos desde os tempos em que eram integrantes da equipe do Grêmio. Adversários em competições desde os tempos em que frequentavam a categoria infantil, por terem a diferença de um ano de idade. Cardoso, nascido em 1973, enquanto Willy um ano antes. O peso era praticamente o mesmo, no entanto, Schneider era um pouco mais alto. Na disputa derradeira pelo ouro, Willy venceu Cardoso. Após o embate, Schneider teve que pedir auxílio médico para a sua perna que estava ainda com sete pontos da sutura. O local estava doendo e queria colocar gelo para aliviar a dor. Cardoso ao observar o estado de saúde de seu amigo

perguntou: "Willy, por que você não me falou que estava machucado?". O campeão respondeu da seguinte maneira: "Jamais contaria para o meu amigo, pois queria muito fazer aquela final e possivelmente ele desistiria para que não ocorresse o combate".

No ano seguinte, Willy Schneider, Lara Cunha e Beatriz Acunha - atleta do Grêmio Náutico Gaúcho e primeira gaúcha a participar de um campeonato mundial de judô<sup>10</sup> (PAZOS; PRONDRYSKI, 2010) - e a sogipana Eliane Pintanel viajam até a cidade litorânea paulista de Praia Grande, para disputar o Campeonato Brasileiro Máster. Como resultado, o judô gaúcho recebeu mais três medalhas de ouro. No feito de Willy Schneider, para conquistar a medalha dourada, teve que haver muita superação. Os combates eram contra adversários reconhecidamente duríssimos. Foram lutas problemáticas, não só em razão do grau de dificuldade que os adversários empunhavam, mas passava pela questão de saúde, o qual o gaúcho combatia estando lesionado. Contudo, fora durante a luta derradeira que viu a sua situação ficar mais complicada. No início do combate, uma técnica de luxação de articulação aplicada em seu cotovelo quase lhe fez desistir. Como a cobiça pela vitória era maior que a dor da eminente derrota, juntou forças para seguir em frente. A redenção veio quase ao final do tempo. Em um vacilo do oponente, Schneider o prendeu, colocando o adversário com as costas contra o solo, o que caracterizava a situação de *osae-komi*<sup>11</sup>. Sem conseguir se desvencilhar, ao adversário restou apenas observar o árbitro central informar o comando *ippon*<sup>12</sup> e encerrar o combate definindo o vencedor. As consequências desse combate não foi somente a medalha, mas a iminente visita ao hospital para avaliação da gravidade da lesão em seu braço.

Um ano depois, realizou sua primeira viagem à Europa. Desta vez para participar de um campeonato mundial. Este evento foi máster, para atletas com mais de 30 anos. "A experiência na França, foi muito positiva", segundo Schneider. Além da medalha de bronze na competição por equipes no Mundial Máster realizado na cidade francesa de Tours (SCHNEIDER, 2012), Willy trouxe para o Rio Grande do Sul o desejo e a ideia de outros judocas veteranos de participar desses eventos. Ao retornar, no mês de setembro, foi homenageado na Câmara Municipal de Porto Alegre pelo feito inédito em um evento mundial. A homenagem foi proposta pelos vereadores Bernardino Vendruscolo e Sebastião Melo<sup>13</sup> (SCHNEIDER, 2012).

Em outubro do mesmo ano, a equipe gaúcha de judô foi a Bauru, em São Paulo, lutar o Campeonato Brasileiro Máster. Na competição por equipes, foram 19 times inscritos e o Rio Grande do Sul conquistou o bronze no masculino e o ouro no feminino, vencendo o quase imbatível escrete paulista (SCHNEIDER, 2012). Na competição individual, as medalhas de ouro no feminino vieram através das judocas Lara Cunha, Eliane Pintanel, Dulcinéia Pontes e Ane Vitória. No masculino, no peso leve<sup>14</sup> do máster 1<sup>15</sup>, Willy obteve a prata e Eduardo Merino conquistou o bronze.

O ano seguinte foi de reconhecimento pelas institui-

<sup>9</sup> Nesta época, não era chamada de "veteranos".

<sup>10</sup> Realizado em Nova York, Estados Unidos, em 1980.

<sup>11</sup> Imobilização.

<sup>12</sup> Ponto máximo, ponto perfeito ou um ponto.

<sup>13</sup> Atualmente, é prefeito de Porto Alegre.

<sup>14</sup> Categoria de peso que abrange entre 66 e 73 quilos.

<sup>15</sup> Categoria que compreende atletas com idade entre 30 e 34 anos.

ções esportivas. A Federação Gaúcha de Judô tinha como tradição todos os anos, geralmente, em dezembro em seu *bonenkai*<sup>16</sup> condecorar os atletas mais bem ranqueados com certificados. Nesse ano, Willy Schneider chegou ao topo do ranking, dessa forma, fora considerado o melhor judoca máster. Em seu clube, o clube Grêmio Náutico Gaúcho, mais uma premiação, também por ser o atleta máster com mais números de títulos no ano.

Segundo Schneider (2012), ao lado do ainda não presidente da Federação Gaúcha de Judô (FGJ), Carlos Eurico da Luz Pereira<sup>17</sup>, em 2007, Willy viajou para o Canadá, para competir o Pan-americano na cidade de Quebec. À época, as redes sociais estavam engatinhando e muito das informações sobre eventos e desempenhos esportivos nas competições eram produzidas pelo o Orkut<sup>18</sup>. Inclusive, o extinto site Portal do Judô<sup>19</sup> foi inspirado em noticiar estes tipos de protagonismos. Nas palavras de Schneider: “Foi um grande evento”. A grandiosidade estaria significando o feito de sair do extremo sul do Brasil, viajar muitas horas para um local com temperaturas negativas, ter que lutar em ginásio sem aclimação. No entanto, o resultado não poderia ser mais positivo. Willy Schneider conquistou quatro medalhas douradas. Com o destaque para duas delas terem sido arrebatadas em categoria de atletas mais novos, no peso absoluto e por equipes. Um feito inédito para o Estado. De volta ao Brasil, no certame nacional, Schneider ficou na terceira colocação do Absoluto e na competição por equipes.

Ainda em 2007, interessado em devolver de alguma maneira o que o esporte vinha lhe dando, decide iniciar um projeto social em uma localidade periférica, reconhecida pela grande vulnerabilidade social. Com recursos parcos, com infraestrutura precária da Escola Eugênia Conte<sup>20</sup>, sem vestimentas que habilitassem o treino e sem um piso adequado para o amortecimento de quedas - prática primordial para o judô -, mas “com muita vontade e dedicação para fazer a diferença!”. Sem se demover da ideia, assim que novas crianças iam se aproximando da prática, buscou junto a empresas locais alguns tipos de apoio para que pudesse realizar de alguma maneira uma transformação social naquela região. Assim, foram surgindo parcerias e pequenos apoios e uma rede de apoio fora se constituindo, a partir da contribuição de amigos, de professores de judô e de colegas da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O primeiro evento sul-americano de judô máster aconteceu em 2008, na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A competição que foi idealizada pelo professor Willy teve além da organização Associação Mundial Máster, a logística da Federação Gaúcha de Judô. O ginásio Osmar Fortes Barcelos, o Tesourinha, contou com a participação de judocas do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Peru.

Nesta competição, com a participação de mais de 250 judocas, Willy se sagrou campeão em sua categoria (M1 leve) e vice-campeão na categoria absoluto<sup>21</sup>. Essa medalha de ouro foi sua 200ª conquista (SCHNEIDER, 2012).

O Campeonato Brasileiro Máster de 2008 foi sediado na cidade de Campinas, São Paulo. Este evento ficou marcado como a competição que o Rio Grande do Sul conquistou o maior número de medalhas. Foram três medalhas de ouro, cinco de prata e duas de bronze. Schneider ficou com a segunda colocação no individual e mais uma vez conquistou o terceiro lugar por equipes. Paralelamente às competições, um sonho antigo começava a se concretizar. A criação de um projeto social na Escola Eugenia Conte, onde ministraria aulas de judô, para crianças de uma comunidade carente e encravada em uma das regiões mais violentas na zona norte de Porto Alegre, começava a tomar forma.

No ano de 2009, o projeto de judô social ganhou reforço: o Sindiatcadistas RS<sup>22</sup> começou a financiar todos os eventos para que os alunos do projeto pudessem participar dos eventos escolares. Outra contribuição nesse sentido aconteceu em 2012, quando o Grêmio Náutico Gaúcho fornece bolsas para que entre seis e oito alunos pudessem participar de treinamentos em suas dependências. Esses apoios reverberaram, além do auxílio social para a comunidade local, como em resultados esportivos, com destaques individuais e coletivo da equipe do Eugenia Conte.

Neste mesmo ano, a competição para judocas com mais de 30 anos deixou de ser reconhecida como “máster” para passar a ser chamada de “veteranos”. A decisão teria sido uma orientação da Federação Internacional de Judô (FIJ) que estaria com interesse em comandar os eventos que envolvessem judocas mais velhos. Até então, o judô máster não tinha uma organização muito centralizada, mas era organizada pela Associação Mundial Máster (SCHNEIDER, 2012). Desse modo, o Campeonato Sul-Americano de Máster, seria mais uma vez realizado em Porto Alegre. Só que desta vez se chamando de Sul-Americano de Veteranos e em outra praça esportiva: no ginásio esportivo do Grêmio Náutico Gaúcho, no bairro Menino Deus.

Nesta competição, Willy conquistou a medalha de bronze. No mesmo ano, foi disputado no ginásio de esportes do Sport Club Corinthians, em São Paulo, o Campeonato Brasileiro de Veteranos. A representação gaúcha alcançou resultados melhores do que nos anos anteriores. Com uma delegação maior, o judô sul-rio-grandense amealhou seis medalhas de ouro, duas de prata - uma através do judoca Schneider - e três de bronze. Com o feito, Willy manteve a sina de estar presente em todos os pódios dos últimos eventos nacionais que disputou. Além disso, conquistou outra medalha de prata na competição por equipe.

## Atleta e professor Willy

No ano de 2011, Willy assume, como professor, no lugar do judoca Paulo Guimarães, o judô da Escola Crescer (BOEHL, 2016), situada no bairro Vila Jardim, na capital. No mesmo ano, o Sul-Americano de Veteranos, depois de

<sup>16</sup> Confraternização japonesa que ocorre no final do ano.

<sup>17</sup> Assumiu a presidência em 2008 em disputa eleitoral de chapa única, com a renúncia da chapa adversária.

<sup>18</sup> Foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

<sup>19</sup> Site de notícias sobre judô, criado em agosto de 2007, em Porto Alegre, RS.

<sup>20</sup> Está situada no bairro Rubem Berta, Vila Santa Rosa, na Zona Norte de Porto Alegre. Iniciou em 1982, e diariamente recebe 237 crianças e adolescentes de 4 meses a 16 anos de idade, proporcionando-lhes acolhimento e cuidado, educação infantil, convivência, atendimento e capacitação através de oficinas de judô, panificação, confeitaria e informática.

<sup>21</sup> Não existe limite de peso, qualquer judoca pode participar dentro do seu naipe e faixa de diade.

<sup>22</sup> Sindicato do Sistema Comércio, sediado em Porto Alegre, RS.

quatro edições seguidas em solo gaúcho, se desloca para o Uruguai (SCHNEIDER, 2012). Nessa competição, Willy conquista a medalha de prata na categoria leve, classe veteranos 2. Além dos resultados esportivos, os sociais neste ano começaram a surgir. O início dos treinos para Claiton Faria pode ser tido como um dos efeitos do projeto social. Morador da região e com grandes dificuldades em casa iniciou no judô como um jeito de estar mais protegido da violência da região. Todavia, a busca pela proteção passou a reverberar desportivamente e prender a atenção dos integrantes da comunidade judoísta. Clairton, ainda como faixa cinza<sup>23</sup>, começava a se destacar nas competições regionais, derrotando adversários mais graduados de clubes com melhores estruturas. Os frutos logo foram colhidos. Claiton, juntamente com Kimberly<sup>24</sup>, conquistou título de campeão estadual daquele ano. No ano seguinte, o judoca ficou em terceiro lugar na categoria sub13, no Meeting Infantil, na cidade de Blumenau, em Santa Catarina.

No ano de 2012, mesmo ano que se forma como professor de educação física, Schneider começa a lecionar na escola Janelinha, em Porto Alegre. Para as aulas de educação física, usa o judô, enquanto componente curricular que engloba as lutas. O uso desse tipo de conhecimento em suas aulas coaduna com os resultados encontrados na pesquisa de Boehl, Lima e Fonseca (2018). Os pesquisadores destacam que o seu uso das lutas por parte de professores de educação física ocorre muito em consideração a formação na área. No caso de Schneider, além de professor de educação física, era mestre em judô.

Ainda, sobre as competições, em setembro desse ano, foi realizado o Campeonato Brasileiro de Veteranos, em Salvador, na Bahia. O Rio Grande do Sul conquistou três medalhas de ouro no feminino, com as judocas Dulcinéia Pontes, Andréia Ambrósio e Ilka Conceição. No masculino, competindo na categoria leve, Willy ficou em terceiro lugar. Em dezembro, o Campeonato Sul-Americano de Veteranos retorna ao Rio Grande do Sul. Dessa vez, o evento foi realizado no interior gaúcho, na cidade de Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo. A equipe do Grêmio Náutico Gaúcho conquistou duas medalhas de ouro, com Iara Pazos e Celso Luís Cardoso, e cinco de bronze, sendo dois amalhados por Willy, na categoria de peso leve e na categoria de peso absoluto.

Em 22 de novembro de 2014, na cidade de São Leopoldo (RS), Willy conquistou pela 18ª vez o título de campeão estadual. Para chegar ao topo do pódio categoria leve da classe veteranos M3<sup>25</sup>, foi necessário vencer todas as lutas. A conquista representou sua 250ª medalha em 30 anos de trajetória esportiva. Em dezembro de 2015, Willy Schneider, por excepcionais serviços prestados ao judô gaúcho, foi promovido por mérito a faixa preta quarto grau (*yondan*). A outorga foi assinada pelo então presidente da FGJ, Carlos Eurico Pereira.

Nos anos de 2016 e 2020, o judoca, erguendo a bandeira do esporte como vetor de inclusão social, tentou ser eleito a uma das cadeiras da câmara de vereadores de Porto Alegre. A primeira tentativa foi como filiado ao Partido dos Trabalhadores do Brasil (PTB). Já a segunda vez foi

<sup>23</sup> Um grau acima da faixa iniciante que é a branca.

<sup>24</sup> Judoca oriunda do Instituto Eugênia Conte que com os resultados esportivos passou a competir pelo Grêmio Náutico Gaúcho e depois pelo Grêmio Náutico União, ambos de Porto Alegre, RS.

<sup>25</sup> Categoria de homens com mais de 40 anos e menos de 45 anos.

pelo partido Republicanos. “Estou acostumado a entrar no tatame para disputar títulos e nas eleições as urnas não estiveram do meu lado. [...] Tenho muita vontade de entrar na política para fazer pelo esporte, fazer pelas crianças, fazer pela saúde”, relatou o educador.

Os eventos ocorridos em Buenos Aires na Argentina, no ano de 2018, Pan-Americano e Sul-Americano, foram as últimas competições internacionais de Schneider. Willy conquistou a segunda colocação nas duas competições. O judô gaúcho arrebatou no total de 13 medalhas nos dois eventos, sendo quatro de ouro, cinco de prata e quatro bronzes.

Em janeiro de 2022, Willy assumiu o judô do Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul (SESCRS), localizado na avenida Protásio Alves, em Porto Alegre. Em março do mesmo ano, junto com o sensei Marcelo Opelt Xavier, com a saída do seu antigo sensei Cid Rodrigues e a diminuição dos números de contágios por covid-19, além da vontade de estar vivendo o judô em todos os instantes do dia, reiniciou o judô do Grêmio Náutico Gaúcho.

## CONCLUSÃO

Através da dialética estabelecida, pudemos situar a história de vida de um homem que ocupou diversas posições e espaços no mundo do judô. Neste sentido, buscamos retratar a trajetória de um “judoca anônimo”, partindo da oralidade para as particularidades da sua história. Ao nos deixarmos guiar pelas experiências de Willy, pudemos compreender como elas o moldaram como judoca, professor e cidadão, e assim avançar na representatividade desses indivíduos para a configuração do esporte em nível local.

Conhecer, registrar e relatar trajetórias de vida como a de Willy Schneider não só nos permite dar visibilidade ao legado que vem sendo construído através do ensino desta arte marcial, como também nos permite valorizar os esforços daqueles que são frequentemente esquecidos pelas mídias, mas que persistem em seus propósitos de vida.

Ao relembrar as etapas da trajetória de Willy, pudemos traçar um cenário sociocultural do judô, especialmente em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, desde a década de 1970 até os dias atuais. É importante ressaltar que nossos achados não podem ser generalizados, mas podem servir como fonte para novas pesquisas de cunho sociocultural. Além disso, chegarmos aonde chegamos só foi possível graças às práticas da pesquisa documental, ao confronto de fontes e à permissão e vontade do próprio protagonista em nos ajudar.

## CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKI, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

- AUN KHOURY, Y. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História**, v. 22, p. 79-103, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731>. Acesso em: 10/03/2023.
- BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.
- BOEHL, W. R. **O desenvolvimento do judô no litoral norte do Rio Grande do Sul**: da década de 1960 à década de 2010. 2016. 88f. TCC (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157247/001018018.pdf?sequence=1>
- BOEHL, W. R.; LIMA, L. S. de; FONSECA, D. G. da. (In)Justificativas e (im)possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 69-77, 2018. DOI: <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p69>
- BOEHL, W. R.; MAZO, J. Z. Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerários da prática na cidade. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, Revista Digital, v. 23, n. 250, p. 78-89, 2019. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/686/597>
- BRUM, A. "Mulheres que lutam": as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44224/R%20-%20D%20-%20ADRIANA%20BRUM.pdf?sequence=3&isAllowed=y>
- CELLARD, A. A análise documental. POUPART, J. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHALA, Â (Ed.). Breves. Judô. **Jornal da Universidade**, v. 9, n. 88, p. 3, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212802>
- ESPARTERO, J. O corpo concebido pelo Judô Kodokan: um projeto educativo de progresso truncado pela reação política. **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1265-76, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.62769>
- MADURO, L. A. **A história do judô no Rio Grande do Sul**: das primeiras manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta. 1999. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. **Growth, maturation and physical activity**. 2. ed. Champaign: Human Kinetics Books, 2004.
- NUNES, A. V. **Judô o caminho das medalhas**. São Paulo: Kuzuá, 2013.
- NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 667-678, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000400011>
- PAZOS, I. M. C.; PRONDRYSKI, E. T. **Iara Pazos e Eliane Pronrynski** (depoimento, 2005). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte - Escola de Educação Física e Esporte/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. [Material não publicado].
- PESAVENTO, S. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
- SCHNEIDER, W. A. **Memórias do judô master no Rio Grande do Sul** (Século XXI). 2012. 52f. TCC (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70326/000875879.pdf?sequence=1>
- SOUZA, G. C. de; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- STEVENS, J. **Três mestres do Budo**: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikidô). São Paulo: Cultrix, 2007.
- VIRGILIO, S. **Conde Koma: o invencível yondan da história**. Campinas: Átomo, 2002

## E-MAIL DOS AUTORES

Walter Reyes Boehl

✉ walterboehl11@gmail.com

Mauro Castro Ignácio (Autor Correspondente)

✉ mauroesef@gmail.com